

## APRESENTAÇÃO

---

Este número da Revista *Texto Poético* traz um *Dossiê* dedicado a João Cabral de Melo Neto (1920–1999), poeta que se posicionou criticamente diante de uma tradição lírica fundada na expressão direta da subjetividade do criador e criou uma das obras poéticas mais originais da língua portuguesa e que melhor e mais tensamente dialogam com essa tradição. Sempre o primeiro leitor de si mesmo, como quase todo grande poeta, Cabral terminou estabelecendo o modo de a sua poesia ser lida. Esse modo de ler foi seguido por parte considerável da crítica e terminou por se transformar, pela força da repetição, em verdadeiros truísmos, os quais, se não são inexatos, nem sempre dão conta das tensões e contradições que estão na base da poesia do autor.

Em uma entrevista concedida a Mário Chamie (1933–2011), publicada originalmente no Caderno de Leitura do *Jornal da Tarde* em 23/9/73 e republicada em 1979 no livro *Casa da Época*, o próprio Cabral refere-se à repetição crítica sobre sua obra: “Realmente eu tenho a impressão de que a meu respeito se repetem há muitos anos as mesmas coisas. Não estou dizendo que se repitam falsidades sobre minha literatura. Estou dizendo que há insistência sobre um lado dela apenas, deixando outros lados que não foram vistos ainda [...] eu gostaria que minha poesia tivesse uma leitura em que outras coisas fossem vistas”.

A proposta do *Dossiê* dedicado ao poeta foi justamente reunir trabalhos “em que outras coisas fossem vistas”, que propusessem novas perspectivas de leitura para a poesia de João Cabral. O resultado é o que o leitor poderá acompanhar e avaliar na alentada seção consagrada à obra do poeta, que abriga 13 artigos de professores de diferentes instituições; artigos que contemplam aspectos bastante variados dessa obra. A homenagem ao poeta ainda prossegue nas seções *Criação Literária*, *Depoimento*, *Entrevista* e *Documento*.

O *Dossiê* é aberto pelo artigo “O efeito João Cabral na poesia portuguesa”, de Rosa Maria Martelo (U. Porto). Como se sabe, *Quaderna* foi publicado originalmente em Lisboa, em 1960, pela Guimarães Editores e sob a “curadoria” do poeta Alexandre O’Neill. Rosa Martelo, compreendendo

que esse livro, por ser de um poeta brasileiro, não seja referido quando se fala das obras que protagonizaram um processo de ruptura no início dos anos 60 em Portugal, evidencia o seu papel inequívoco na mudança então em curso na poesia portuguesa.

Na sequência, Éverton Correia Barbosa (UERJ), em “João Cabral como um Gonsalves de Melo”, toma como objeto de leitura o poema de circunstância “Para Ana Cecília”, chamando a atenção para a possibilidade de a obra cabralina ser examinada a partir da perspectiva familiar, ainda não devidamente considerada pela crítica. Antes, entretanto, o articulista apresenta diferenças entre edições príncipes de algumas obras do poeta, a edição da Nova Aguilar de 1994 (*Obra Completa*), organizada por Marly de Oliveira, com assessoria do próprio Cabral, e a de 2008 (*Poesia Completa e Prosa*), organizada por Antonio Carlos Secchin e onde o poema analisado foi republicado.

Após esse artigo que traz esclarecimentos úteis sobre edições da obra de Cabral, Cristina Henrique da Costa (UNICAMP), embasando-se na hermenêutica crítica, mormente em Paul Ricoeur, desenvolve uma leitura discordante da relação proposta por parte da crítica cabralina entre realidade e objetividade no poeta.

Waltencir Alves de Oliveira (UFPR), por sua vez, examina a recepção de Cabral pela *Inimigo Rumor*, tomando a revista como exemplar de modos de ler o poeta no final do século XX e início do XXI. Nas palavras do articulista, a revista representa um “reforço de um modo de ler a tradição modernista, em especial a poesia de João Cabral de Melo Neto, dentro de algumas perspectivas analíticas já cristalizadas.”

Segue-se um estudo de caráter comparatista, em que Alex Alves Fogal (CEFET, MG) desenvolve, tendo como base o ensaio “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”, de Ferreira Gullar, e por meio do comentário crítico de poemas de Cabral e Augusto dos Anjos, pontos de convergência entre os dois poetas. Há que se lembrar que Cabral, inicialmente, negou a tradição lírica luso-brasileira, sendo Augusto dos Anjos, lido poética e criticamente por ele ao lado de Cesário Verde em poema de *Serial* (1961), uma das poucas tradições de língua portuguesa em que se reconhece.

Detendo-se, sobretudo, nas aproximações do poeta com o comunismo nos anos 50, Joelma Santana Siqueira (UFV) evidencia os impactos de

tal afinidade na crítica por ele produzida nesse período, a qual evidencia o seu cuidado com a representação de uma dada realidade social e com o aspecto comunicativo da palavra poética, com claras consequências sobre sua obra literária propriamente dita.

Os demais trabalhos centram-se, sobretudo, em um livro ou em aspecto específico da obra de Cabral, desenvolvido por meio do comentário crítico de poema/s.

Luciana Salles (UFRJ) investiga a leitura do tempo e sua passagem nos dois últimos poemas de *Serial*, “O relógio” e “O alpendre no canavial”, e conclui que, mais que sobre o tempo, esses poemas são sobre a relação do homem com o desconhecido. Entretanto, conforme a articulista, a solução alcançada não é o domínio do conhecimento, mas o conhecimento interno: “Penetrar a escuridão para compreendê-la ao invés de tentar iluminá-la. Eis que temos, na poesia dita solar, a vitória das manchas.”

Intimamente ligada ao tempo é a matéria contemplada no artigo de Wilson José Flores Júnior (UFG) e Thales Rodrigo Vieira (UFG). Os autores privilegiam, por meio da análise de poemas memorialísticos de Cabral, escritos em sua maturidade, a dimensão histórica e social de uma memória que se inscreve em espaços arquitetônicos, os quais, opulentos e exuberantes na infância e juventude do poeta, apresentam-se como ruínas no presente do enunciado.

A memória continua, em perspectiva diversa, na pauta do artigo assinado por Aulus Mandagará Martins (UFPEL), em que o autor examina o poema “Descoberta da Literatura”, de *A Escola das Facas* (1980), e realiza uma discussão teórico-crítica em torno da figuração do sujeito e da autobiografia em Cabral.

Já Rodrigo Garcia Barbosa (UFL) detém-se em um tipo específico da crítica exercida por Cabral, ou seja, aquela em que lê poética e criticamente toureiros. O articulista relaciona a leitura crítica que o poeta realiza em seus poemas tauromáquicos, mormente os sobre Manolete, com aspectos da própria poesia cabralina.

Por sua vez, Fábio José Santos de Oliveira (UFMA), partindo do comentário crítico de poemas de diferentes livros do poeta, analisa três

tipos de oposição que aparecem, de modo reiterado, como elemento compositivo na obra cabralina.

Os dois últimos textos contemplam obras específicas. Diego Grando (PUC-RS) lê poemas de *A Educação pela Pedra* (1965), empenhando-se em mostrar a existência de um projeto ético-estético formulado de modo subliminar nesse livro, em que a demanda ética (“A educação pela pedra”) pressupõe a formação do sujeito pelo trabalho, seja subjetivo (“Coisas de cabeceira, Sevilha”), seja a escrita (“Catar feijão”), seja a fala (“O sertanejo falando”).

Se Diego Grando contempla um dos livros de Cabral mais aclamados pela crítica, fecha o *Dossiê* um artigo em que Patricia Peterle e Alencar Schueroff, ambos vinculados à UFSC, contemplam um texto lúdico e pouco conhecido de Cabral, o qual, talvez por sua feição singular, não entrou nas edições da Aguilar comentadas em texto já apresentado de Éverton Correia Barbosa (UERJ). Trata-se de *Aniki Bobó* (1958), trabalho resultante de uma parceria entre gravuras de Aloisio Magalhães e um poema em prosa de Cabral, que “ilustra” as gravuras.

A seção *Vária*, por sua vez, compõe-se de dois artigos. O primeiro, de Arnaldo Saraiva (U. Porto), traz informações relevantes sobre a revista *Ohpheu*, destacando a participação brasileira na mais importante revista do Modernismo português. O segundo artigo, de Paulo Franchetti, da UNICAMP, examina o percurso poético de Marcelo Tápia, evidenciando como sua obra, nascida sob o signo da vanguarda concreta e procurando um caminho próprio, é exemplar de um certo filão da poesia contemporânea.

À seção *Vária* segue-se um conjunto de composições de Armando Freitas Filho, em que o escritor lê poética e criticamente Cabral em textos que escreveu e publicou em momentos distintos de sua trajetória poética. Publicados em conjunto, os poemas revelam o modo como Freitas Filho lê obsessivamente Cabral em publicações entre 1985 e 2016. Merece destaque o ensaio poético “‘Comprende?’/Compreendo”, que evidencia as tensões da poesia cabralina e sua filiação a Carlos Drummond de Andrade.

Além dos poemas, Armando Freitas Filho responde, na *Entrevista*, a perguntas sobre sua relação literária e pessoal com Cabral.

Dois outros poetas também “falaram” sobre Cabral à *Texto Poético*. Na seção *Depoimento*, Heleno Godoy e Marcos Siscar, cada um, em um discurso bastante particular, diz sobre sua relação com Cabral (Godoy) ou diz-se ao dizer sobre a recepção de Cabral pelos contemporâneos (Siscar). Heleno Godoy, como Armando Freitas Filho, liga-se inicialmente à *Instauração Práxis*, mas, como este, afasta-se, sem negar-lhe os créditos, da vanguarda e atinge um estilo próprio, feito de muitas vozes, entre as quais se afigura central e inicialmente a de Cabral. Em seu depoimento, Godoy recupera suas memórias de leitura da poesia cabralina nos anos 60 e o modo como essas leituras impactaram sua poesia. Em seu ensaio-depoimento, Marcos Siscar, que estreou como poeta nos anos 1990, desmonta soluções contemporâneas simplificadoras em torno de Cabral e do sujeito (retorno do sujeito, projetos poéticos cabralinos e anticabralinos) e põe em evidência a relação, para Cabral, entre crítica ao entendimento personalista da poesia e preocupação com a leitura da palavra poética.

Fecha este número da *Texto Poético* uma carta inédita de João Cabral ao poeta português Alberto de Serpa. A carta, transcrita e apresentada por Solange Fiuza (UFG), constitui a primeira de um epistolário composto por 31 missivas, a maioria escrita entre 1949 e 1950, quando os dois poetas estavam envolvidos na organização da revista de poesia *O Cavalo de Todas as Cores* (1950).

Agradecemos a todos os colaboradores da revista e esperamos que os trabalhos aqui reunidos sejam úteis aos estudiosos de poesia, sobretudo aos investigadores da poesia cabralina, e desejamos a todos uma prazerosa e proveitosa leitura.

Solange Fiuza (UFG/CNPq)\*  
Joana Matos Frias (U. Porto)\*\*  
(Organizadoras de *Dossiê*)

---

\* Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.  
E-mail: solfiuza@gmail.com

\*\* Professora da Universidade do Porto, Porto, Portugal.  
E-mail: joanamfrias@gmail.com